



PRÁTICAS DE RESILIÊNCIA EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS DE PORTO VELHO DIANTE DOS RISCOS QUE ATINGEM OS LUGARES DE VIDA¹

RESILIENCE PRACTICES IN RIVERINE COMMUNITIES OF PORTO VELHO IN THE FACE OF RISKS THAT AFFECT THE PLACES OF LIFE

PRÁCTICAS DE RESILIENCIA EN COMUNIDADES RIBEÑAS DE PORTO VELHO ANTE LOS RIESGOS QUE AFECTAN LOS LUGARES DE VIDA

João Gabriel dos Santos Almeida²

Lucileyde Feitosa Sousa³

RESUMO

Esta pesquisa analisa as práticas de resiliência e os processos de comunicação desenvolvidos por comunidades ribeirinhas de Porto Velho (Baixo Madeira) diante dos desafios socioambientais que impactam seus modos de vida. Justifica-se por três motivações: conhecer e acompanhar as condições de vida das populações ribeirinhas frequentemente desassistidas por políticas públicas; reconhecer que a

¹Resumo apresentado ao GT 1 – Direito Ambiental, Políticas Públicas e Bioeconomia na Amazônia, no VI Congresso Internacional DHJUS – Futuros Possíveis. Programa de Doutorado e Mestrado Profissional Interdisciplinar em Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça.

²Graduando em Direito na Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Bolsista do PIBIC DHJUS no projeto intitulado “ÁGUAS PARA A VIDA’ COMO PRÁTICA DA DEMOCRACIA SOCIOAMBIENTAL: Análise Semiótica na Mobilização pelo Direito à Participação Popular em Rondônia”. Email: almeida.jgds@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8212920871649056>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6325-2149>.

³Professora do Departamento de Geografia da UNIR; pós-doutora em Geografia pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade na Universidade do Minho; doutora em Geografia pela UFPR; Mestra em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, pela Unir; Graduada em Letras Portuguesas e Literatura, pela UNIR. Email: lucileyde.sousa@unir.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2758178065844779>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2627-0925>.



pesquisa pode contribuir para transformações locais e subsidiar reformulações de políticas públicas; e articular pesquisadores de ensino superior e da educação básica para promover uma rede de pesquisa e mobilização em prol dessas populações. O objetivo é analisar as práticas de resiliência e de comunicação desenvolvidas pelas comunidades ribeirinhas frente aos desafios socioambientais. Fundamenta-se nas contribuições de Morin (1998), Mendonça (2019), Rego (2010) e Sousa (2022), que oferecem perspectivas sobre o espaço amazônico como lugar de constituição de sujeitos. A pesquisa empírico-qualitativa privilegia o processo interativo e dialógico entre pesquisadores e participantes. Os instrumentos de coleta de dados foram observação participante, entrevista semiaberta, registro fotográfico e produção de cartilha para visibilidade dos saberes e práticas de resiliência. Os resultados evidenciam impactos das mudanças climáticas no espaço ribeirinho e apontam práticas locais de enfrentamento e de comunicação comunitária que se constituem como territórios de comunicação. A pesquisa tem implicações para formação acadêmica, produção de conhecimento e subsídios a políticas públicas voltadas à Amazônia ribeirinha.

Palavras-chave: Amazônia ribeirinha; Práticas de resiliência e comunicação; Impactos socioambientais.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa mantém o compromisso de mostrar as práticas de resiliência de comunidades ribeirinhas de Porto Velho diante dos impactos socioambientais, sendo justificada por três motivações. A primeira é conhecer as condições de vida das populações ribeirinhas na Amazônia, frequentemente desassistidas por políticas públicas. A segunda derivou do contato diário que evidencia que a pesquisa sobre essa realidade amazônica contribui para transformá-la, podendo subsidiar reformulações de políticas públicas relacionadas à prevenção de riscos na região. A terceira motivação é agregar pesquisadores de diferentes instituições do ensino superior e da educação básica para promover uma rede de pesquisa e mobilização em prol das populações ribeirinhas, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida, a prática da cidadania e a comunicação para prevenção de riscos naturais e ambientais.



O objetivo do projeto é analisar as práticas de resiliência e de comunicação desenvolvidas pelas comunidades ribeirinhas frente aos desafios socioambientais que impactam seus modos de vida. Trabalha-se com as contribuições de Morin (1998), Mendonça (2019), Rego (2010) e Sousa (2022), autores que trazem novas perspectivas para olhar o espaço amazônico como lugar de constituição de sujeitos que, ao tomarem consciência de suas condições, dos riscos e das mudanças climáticas, acabam constituindo as comunidades ribeirinhas como territórios de comunicação.

A iniciação científica proposta no Plano de Trabalho do bolsista visa o exercício do saber pensar, a formação voltada à autonomia e ao protagonismo discente no diálogo com a comunidade ribeirinha de São Carlos. A experiência de pesquisa oferece oportunidades de aprendizados, vivências e desenvolvimento do pensamento e da escrita científica, possibilitando ao bolsista reflexões críticas e contribuições à população ribeirinha.

2. DESENVOLVIMENTO

A pesquisa empírico-qualitativa favoreceu a compreensão do processo interativo e dialógico entre os sujeitos. Compreender a inter-relação da Geografia com a Educação, pela interação e pelo aprendizado com o “outro” na produção do espaço ribeirinho, exige interpretação dos fenômenos sociais e climáticos. As questões investigativas foram: como é a comunicação que as comunidades ribeirinhas estabelecem sobre os riscos socioambientais que atingem seus lugares de vida? Quais ações as comunidades realizam para enfrentar e superar tais riscos?

Adotou-se a concepção sistêmica do pensamento complexo de Morin (1998), que enfatiza a comunicação entre o objeto e o ambiente, a coisa observada e seu observador, valorizando a reflexão que respeita o saber de cada sujeito em seu contexto de vivência. No princípio da complexidade foram consideradas as relações dialógicas de ordem, desordem e organização, a auto-organização, as



comunicações e a flexibilidade adaptativa frente aos desafios presentes. Tal abordagem entende o sujeito como capaz de construir conhecimento sobre sua realidade de forma consciente e crítica.

Complementaram a fundamentação teórica as contribuições de Mendonça (2019), que concebe resiliência como a capacidade de indivíduos e grupos de gerar condições novamente favoráveis após sofrerem impactos graves, e Rego (2010), que relaciona educação e olhar geográfico na compreensão das identidades e das respostas sociais em defesa de práticas socioambientais. Sousa (2022) apontou contradições presentes na Amazônia, tais como a ausência de acesso à água potável de qualidade num ambiente de crescente contaminação hídrica e a combinação de riqueza ambiental e vulnerabilidade social que tornam as populações ribeirinhas alvo de expropriação e violência ambiental.

O recorte empírico concentrou-se nas comunidades de São Carlos e Cavalcante, no Baixo Madeira, Porto Velho. A amostragem foi intencional, incluindo participantes residentes há mais de três anos e maiores de 18 anos. Privilegiaram-se entrevistados mais idosos pela acumulação de experiências e preservação de memórias do espaço ribeirinho. Foram entrevistados barqueiros, professores, pescadores, lideranças locais e servidores públicos.

Os instrumentos de coleta foram observação participante, entrevista semiaberta, registro fotográfico e produção de cartilha. A observação participante permitiu registrar as relações sociais, histórias dos lugares e práticas de comunicação; as entrevistas possibilitaram a expressão das visões de mundo e o aprofundamento do entendimento do universo vivido; o registro fotográfico e a cartilha foram elaborados considerando os contextos, a linguagem e os saberes voltados à prevenção e enfrentamento de riscos socioambientais. A cartilha priorizou conteúdos da realidade cultural e social das comunidades sob o enfoque geográfico, com linguagem acessível e narrativa centrada na comunicação comunitária para prevenção de riscos naturais e ambientais. A divulgação da cartilha



busca promover a popularização da ciência entre a população ribeirinha e fornecer subsídios ao poder público.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu apreender os inúmeros impactos no espaço ribeirinho e as práticas de resiliência adotadas pelas comunidades no diálogo com o mundo. A observação participante, as entrevistas e a produção de material instrucional possibilitaram compreender as relações entre as comunidades e a sociedade, especialmente na interface com o Estado. O sentido de resiliência atravessa as contradições que vão desde a falta de acesso a água potável até a dificuldade de acesso a políticas públicas específicas.

Ao mesmo tempo, as comunidades ribeirinhas oferecem lições sobre preservação, colaboração e estratégias coletivas para enfrentar fenômenos extremos. Essas lições ressaltam a necessidade de uma educação voltada ao pensamento crítico e investigativo, capaz de melhorar pessoas e lugares por meio do diálogo contextualizado em todas as escalas. Espera-se que esta iniciativa de estudar práticas de resiliência em comunidades ribeirinhas de Porto Velho incentive a continuidade das pesquisas e a expansão do conhecimento sobre a Amazônia ribeirinha, contribuindo para o diálogo entre saberes “de dentro” e “de fora” — essencial para a construção de políticas públicas mais efetivas. A produção e divulgação da cartilha e a articulação com grupos de pesquisa e formação acadêmica reforçam o potencial transformador desta iniciativa.

A pesquisa permitiu apreender os inúmeros impactos no espaço ribeirinho e as práticas de resiliência adotadas pelas comunidades no diálogo com o mundo. A observação participante, as entrevistas e a produção de material instrucional possibilitaram compreender as relações entre as comunidades e a sociedade, especialmente na interface com o Estado. O sentido de resiliência atravessa as



contradições que vão desde a falta de acesso a água potável até a dificuldade de acesso a políticas públicas específicas.

Ao mesmo tempo, as comunidades ribeirinhas oferecem lições sobre preservação, colaboração e estratégias coletivas para enfrentar fenômenos extremos. Essas lições ressaltam a necessidade de uma educação voltada ao pensamento crítico e investigativo, capaz de melhorar pessoas e lugares por meio do diálogo contextualizado em todas as escalas. Espera-se que esta iniciativa de estudar práticas de resiliência em comunidades ribeirinhas de Porto Velho incentive a continuidade das pesquisas e a expansão do conhecimento sobre a Amazônia ribeirinha, contribuindo para o diálogo entre saberes “de dentro” e “de fora” — essencial para a construção de políticas públicas mais efetivas. A produção e divulgação da cartilha e a articulação com grupos de pesquisa e formação acadêmica reforçam o potencial transformador desta iniciativa.

REFERÊNCIAS

- MORIN, E. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- MORIN, E. **A Inteligência cega e Epistemologia da complexidade**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- MENDONÇA, F. **Meio ambiente e sustentabilidade**. Curitiba: InterSaberes, 2019.
- REGO, N. **Geração de ambiências: três conceitos articuladores**. Revista Educação, 33, 46-53, 2010. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6780>. Acesso em: 04 abr. 2025.
- SOUSA, L. F. **Espaços dialógicos dos barqueiros na Amazônia: uma relação humanista com o rio**. Porto Velho: Temática, 2014.



SOUSA, L. F. **Invisibilidade das pautas ribeirinhas nos discursos e debates políticos em tempo de eleição.** Manaus: Portal Amazônia, 2022. Disponível em:<https://portalamazonia.com/amazonia-ribeirinha/invisibilidade-das-pautas-ribeirinhas-nos-discursos-e-debates-politicos-em-tempo-de-eleicao>. Acesso: 29. mar. 2025